

# A relação entre a água e o saneamento e a educação inclusiva



*Documento preparado para a Water Aid  
por Ingrid Lewis, Coordenadora de EENET  
Fevereiro de 2009*

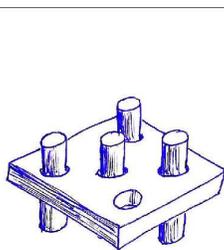
## O que é a educação inclusiva?

Muitos compromissos internacionais e nacionais concentram-se agora em proporcionar educação de qualidade para todas as crianças. A educação inclusiva é um modo importante de apoiar todas as crianças para que participem e aprendam nas escolas da corrente dominante – independentemente da deficiência, género, etnia, estatuto de refugiado, estatuto de saúde, etc.

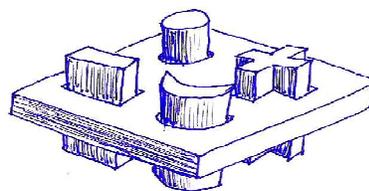
A educação inclusiva não lida somente com educação para estudantes portadores de deficiência, apesar de isso ser um equívoco comum. A educação inclusiva trata também não somente de ajudar as crianças a ter acesso ao ensino. Para que a educação seja inclusiva, todos os estudantes têm também que *participar* (em todos os aspectos da vida de escola) e *ter êxito* (academicamente e socialmente) aproveitando ao máximo as suas capacidades.

O principal elemento da educação inclusiva é que se concentra em mudar o sistema de educação para que todas as crianças sejam bem acolhidas, em vez de mudar a criança individual para que se possa encaixar no sistema existente discriminatório, o que significa mudar o sistema tanto em termos de práticas de ensino e de aprendizagem, assim como de atitudes, e de ambiente físico.

Os diagramas que se seguem representam a diferença entre o sistema educacional que procura mudar a criança para que se adapte a um sistema inalterado (esquerda); e um sistema de educação inclusivo e flexível (direita).



*Mudar a criança para que se adapte ao sistema*



*Ensino inclusivo – criar um sistema flexível que aceite todas as crianças*

## Porque é que a água e o saneamento são uma questão tão importante nos esforços para promover ensino de qualidade e inclusivo para todas as crianças?

As questões de água e de saneamento têm frequentemente impactos significativos sobre o acesso das crianças à educação e sobre a participação e êxito das mesmas enquanto frequentam a escola. As mensagens que se seguem sobre estes impactos foram principalmente recolhidas junto de crianças de escola, e alguns dos professores, durante projectos de investigação de acção nas escolas que trabalham para a inclusão. As escolas em questão encontram-se no Uganda e na Zâmbia. Os métodos usados para recolher estas mensagens serão descritos mais adiante.

As opiniões dos intervenientes exprimidas aqui ilustram algumas das razões mais óbvias que explicam por que razão as instalações de água e de saneamento afectam a educação. No entanto, também nos mostram alguns impactos que podem ser bastante menos óbvios para as pessoas de fora ou para os adultos – o tipo de coisas que só podemos aprender ao consultar as próprias crianças de escola.

### Água

- **Temos que beber para pensar.** As crianças que não bebem regularmente na escola têm níveis de concentração mais baixos que afectam a sua capacidade de participar nas lições, e finalmente nos níveis de aprendizagem e de êxito. No entanto, muitas escolas não podem proporcionar provisão de água segura no local da escola (ou mesmo qualquer provisão de água) e as crianças ficam frequentemente com sede.
- **As crianças têm frequentemente que trabalhar muito para conseguir água para usar na escola** – para beber, para limpeza, etc. Podem ter que carregar recipientes grandes e pesados desde furos de água/torneiras/ poços. Algumas crianças numa escola primária da Zâmbia disseram-nos que quando carregam recipientes de água se sujam – e depois os professores punem as crianças por usarem uniformes sujos na escola. Um aluno surdo no Uganda explicou a fotografia de um tanque de água que tirou:

*“Por vezes quando não há água suficiente no tanque, temos que ir à aldeia buscar água. É trabalho duro.”*

- A **localização das torneiras**, etc., numa escola, influencia quem pode ter acesso à água potável que é tão vital para uma aprendizagem eficaz. A fotografia que se segue mostra uma torneira na borda de uma plantação de bananeiras numa escola primária no Uganda. Algumas crianças pensaram que era uma boa localização para a torneira, uma vez que a água desperdiçada regava as árvores que lhes proporcionam comida. Mas outras crianças explicaram que a área à volta da torneira era tão difícil que não era possível ou seguro para algumas das crianças irem lá, especialmente para as que estão em cadeiras de rodas ou usam muletas.



*Escola primária, Uganda*

- A localização das fontes de água nas escolas também tem impacto sobre a **segurança das raparigas** (ou a percepção que têm do que é seguro). Por sua vez, esta percepção afecta se decidem ir à escola, ou se os pais lhes permitem que vão à escola. Por exemplo, uma torneira como a de cima – localizada na borda de uma área arborizada – pode ser considerada arriscada para ser usada pelas raparigas. A localização de torneiras nas escolas por vezes também coloca outras crianças em situações de risco, talvez de serem intimidadas por outras crianças (se o sítio for escondido da vista dos professores), ou abuso por parte dos membros da comunidade (se a torneira for acessível a pessoas de fora da escola).
- As condições da **provisão de água na comunidade** têm impacto sobre a educação das crianças. Se as crianças tiverem que trabalhar muito para recolher água para as necessidades da família, podem não conseguir ir à escola ou podem ficar demasiado cansadas para participarem e aprenderem quando conseguem ir à escola. Esse trabalho afecta muitas vezes as raparigas de modo desproporcionado. As raparigas na fotografia que se segue estão a recolher água para as famílias quando deveriam estar na escola.



*Raparigas a ir buscar água, Zâmbia*

- As comunidades com instalações geralmente fracas de água e de saneamento, mau alojamento, etc. têm **dificuldade em atrair ou conservar os melhores professores**. Em alguns países, os professores são enviados pelo governo para

locais sem ter escolha. Mas quando têm alguma liberdade de escolha, não devemos subestimar a influência das infra-estruturas básicas sobre as decisões dos professores em relação ao sítio onde vão trabalhar. A falta de acesso à água e ao saneamento e outras necessidades ou confortos básicos podem levar a situações em que as escolas têm uma grande rotatividade de pessoal. Todas as iniciativas para promover a inclusão podem ser constantemente interrompidas quando os novos funcionários têm que ser informados e actualizados. Alternativamente, essas escolas podem encontrar-se numa situação em que dependem de professores sem qualificações ou formação, que vêm da comunidade, o que pode ter um impacto significativo sobre a qualidade da aprendizagem para as crianças.

## Saneamento

Neste documento usamos saneamento para nos referirmos a uma gama de questões destacadas pelas crianças e pelos professores, tais como latrinas, instalações para lavagens, eliminação de lixo e preparação de comida.

- A **acessibilidade de latrinas** afecta se os estudantes decidem ir à escola ou não, e se acham a escola um local confortável ou não, que leva a que se estude. A questão de ir à casa de banho encontra-se frequentemente no topo da lista de preocupações das crianças em relação à escola – em qualquer país, seja rico ou pobre.
- Para os estudantes portadores de deficiência, a acessibilidade às casas de banho significa acesso à área geral na qual se situam as casas de banho, e acesso para dentro da casa de banho. Também pode significar encontrar soluções seguras e dignas para ajudar uma criança a usar a casa de banho ou a limpar-se. As soluções de acessibilidade são frequentemente vistas como sendo as que exigem fundos, materiais ou experiência, tais como rampas, corrimões, assentos adaptados, etc. Na fotografia que se segue, os professores tiveram orgulho em mostrar as adaptações que se fizeram às latrinas dos estudantes, financiadas por um doador externo. No entanto, os alunos fizeram notar que há muito poucas casas de banho na escola enorme, especialmente nas instalações dos alunos internos, que ficavam a alguma distância dos edifícios principais da escola.



*Latrina com apoio para as mãos, escola secundária, Uganda*

- No entanto, a acessibilidade melhorada para os estudantes portadores de deficiência também pode envolver **inovação barata**. Essas soluções podem não ser o ideal, mas podem ser encorajadas como modo de apoiar a inclusão na ausência de financiamento imediato para as instalações adaptadas. Os professores na Zâmbia contaram-nos sobre uma criança que não conseguia andar e geralmente se movia de gatas. Como parte de um projecto de investigação de acção para investigar os obstáculos à inclusão, os professores descobriram que esta criança nunca tinha usado a latrina na escola. Evitava beber todo o dia e esperava para usar a casa de banho até chegar a casa. Quando lhe perguntaram porquê, disse que era porque não gostava de pôr as mãos no chão sujo da latrina. Os professores visitaram-no, a ele e à mãe, em casa e perguntaram como conseguia usar a sua própria latrina. A mãe explicou que lhe empresta as sandálias de plástico para pôr nas mãos, para não se sujar demasiado quando usa a latrina. Os professores decidiram fazer algo de parecido na escola, enquanto esperavam conseguir angariar dinheiro suficiente para construir uma latrina mais apropriada.
- **A privacidade e a segurança** são questões importantes para a localização das casas de banho, especialmente para as raparigas. As casas de banho – em qualquer país – podem ser locais onde as crianças enfrentam riscos mais elevados de serem intimidadas por outros estudantes ou de sofrerem abusos por parte de adultos (especialmente quando os membros da comunidade podem entrar na escola para usar as instalações). A fotografia que se segue mostra uma escola primária na Zâmbia, em que os rapazes se encontravam frequentemente à volta das latrinhas das raparigas. Dado que estas latrinhas não tinham portas ou tectos, as raparigas, como seria de esperar, sentiam-se demasiado preocupadas ou envergonhadas para as usar, excepto talvez durante a altura das lições quando os rapazes se encontravam dentro das salas de aula – o que obviamente afectaria a participação e aprendizagem das raparigas.



*Rapazes a brincar perto das latrinhas das raparigas, escola primária na Zâmbia*

As crianças que tiraram a fotografia que se segue disseram que estas latrinhas – apesar se estarem longe de serem perfeitamente acessíveis – as fizeram sentir muito mais bem acolhidas na escola.

*“Antes não havia latrinhas algumas. Imagine, não há sebes ou arbustos – onde acha que podíamos ir?!”*



*Latrinas novas, escola primária, Zâmbia*

- As crianças com quem falámos em ambos os países mencionaram que a **limpeza das latrinas na escola** afectava muito a educação delas. Apesar de ser uma queixa muito comum, as crianças com quem falámos na Zâmbia ampliaram as explicações que nos deram. O estilo de latrina (se é fácil ou difícil de manter limpa, livre de cheiros e moscas) e a formação que as crianças recebem, foram destacados como sendo problemas específicos. Uma vez que muito poucas escolas se podem dar ao luxo de pagar a adultos para trabalharem como empregados de limpeza, geralmente são as crianças da escola que têm a responsabilidade de manter as latrinas da escola limpas. As crianças achavam que se não estavam habituadas a usar latrinas em casa, ou não lhes tinham mostrado como limpar uma latrina, não era surpreendente que as latrinas da escola fossem locais tão pouco acolhedores.

As crianças na Zâmbia que tiraram estas fotografias queriam dar realce a estas questões mostrando a grande diferença entre as latrinas para os estudantes (à esquerda) e as latrinas para os professores (à direita). Sugeriram que talvez a escola pudesse proporcionar mais educação sobre como “gerir” uma latrina, e também que talvez se pudessem organizar turnos de limpeza (para os estudantes) e de inspecção (pelos professores).



*Latrina para os estudantes*



*Latrina para os professores*

- Há uma **instalação para lavagem de mãos perto das latrinas**? Muitas vezes não há nenhum sítio para as crianças lavarem as mãos depois de usarem as latrinas, ou a instalação pode ser localizada num local inconveniente ou pouco

acolhedor. A água e o recipiente para lavagem de mãos que se segue foram colocados fora da sala do director da escola!



*Instalação para lavagem de mãos, escola primária, Zâmbia*

- **A eliminação de lixo** é um aspecto da experiência de educação em que raramente se pensa, mas que as crianças mencionaram em todas as escolas em que trabalhamos. A maior parte das escolas tinha buracos abertos para os quais se deitava o lixo. As crianças mostraram claramente nas fotografias que os buracos eram frequentemente perigosamente profundos, que o lixo podia voar outra vez, e que os buracos ficavam muitas vezes em locais pouco higiénicos (a fotografia da direita mostra o lixo atirado para perto de uma área onde se preparava a comida e se lavavam as panelas). Também explicaram como os maus cheiros e as moscas podem distrair muito, afectando a capacidade de se concentrarem na classe. Uma escola primária na Zâmbia tinha um buraco do lixo perto da biblioteca. Nenhum aluno queria estudar independentemente na biblioteca devido ao mau cheiro. Quando o director da escola viu as fotografias e ouviu a explicação das crianças, fez encher o buraco – e as crianças começaram a usar a biblioteca mais vezes.



*Fossas de lixo, escola primária, Zâmbia*



*Lixo perto do local onde se prepara comida, escola secundária, Uganda*

- **A preparação de comida** ou a venda de comida dentro de escolas foi outra questão que as crianças disseram que tinha efeito sobre quão seguras se sentem na escola, e portanto sobre se decidem frequentar a escola ou não. Algumas crianças mencionaram que as pessoas de fora vinham e vendiam comida pouco higiénica no local da escola (fotografia da esquerda que se segue). Outras explicaram que as áreas onde a própria escola preparava a comida estavam sujas. Uma criança numa escola secundária no Uganda

explicou as duas fotografias (em baixo no centro e à direita).

*“Mostra que a comida cozinhada não é saudável e pode causar diversas doenças e diarreia. Um estudante pode ser afectado na classe porque todas as vezes que entra e sai da classe devido à diarreia, falta às lições, o que leva a que não tenha êxito e seja punido se o encontrarem fora da classe.”*



*Vendedores de comida na escola, escola primária, Zâmbia*

*Áreas de preparação de comida pouco higiénicas, escola secundária, Uganda*

## Como podemos descobrir os modos como a água e o saneamento estão a afectar a educação das crianças?

- Há uma gama ampla de **métodos participativos** que podem ser usados para descobrir o que as escolas têm que as fazem mais inclusivas – tanto em termos do ambiente físico como das práticas de ensino e das atitudes. Muitos destes métodos são criados com base em princípios de investigação de acção (usando a investigação como um processo para sugerir, experimentar e avaliar soluções para os problemas) e em abordagens bem estabelecidas tais como “a aprendizagem e acção participativa” (PLA).
- A investigação sobre as questões de inclusão nas escolas faz-se melhor **com base contínua**, que é a razão por que se estão a usar cada vez mais os ciclos de investigação. É muito difícil resolver problemas de exclusão numa intervenção curta e única. Pode levar tempo a chegar à raiz dos problemas que estão a causar a exclusão do acesso, participação ou aprendizagem. As casas de banho e a higiene pessoal podem ser assuntos proibidos, e as crianças podem não querer criticar a escola. Também é necessário haver tempo para que os planos externos de intervenção tenham realmente como base o que a escola, os funcionários e os alunos necessitam, e não seja uma decisão acelerada pelos mesmos para aceitar qualquer instalação de água/saneamento que lhes é oferecida por um doador ou governo.

Mais importante, é necessário que se faça trabalho contínuo porque muitas das questões de água e de saneamento que levam a que as crianças sejam excluídas da educação ou no âmbito da mesma, podem não necessitar de intervenções dispendiosas. Em vez disso, podem exigir mudanças de atitudes e das práticas – tais como ensinar às crianças como limpar uma latrina, ou criar turnos para que os professores monitorizem as áreas das casas de banho para evitar intimidação – o que não pode acontecer de um dia para o outro.

### Ferramentas úteis

As abordagens que se seguem foram usadas com êxito por EENET para ajudar as crianças e os jovens (e os professores dos mesmos) a começarem a falar sobre inclusão/exclusão na escola. Os métodos permitem que os facilitadores trabalhem a um ritmo que se adapte às capacidades dos participantes, e que não os força a discutir tópicos que podem achar difíceis ou incómodos de discutir.

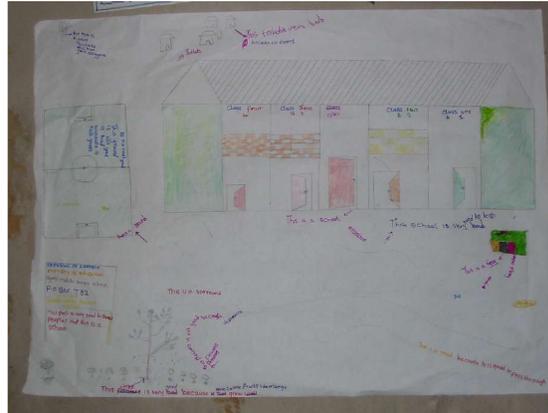
#### Mapeamento

Como no caso de técnicas de mapeamento bem conhecidas usadas no trabalho de desenvolvimento das comunidades, pode pedir-se às crianças para fazerem mapas da escola. Os mapas podem mostrar os locais de que gostam e de que não gostam (ou pode frasear-se como sendo acolhedores ou não, locais inclusivos ou exclusivos, dependendo das idades ou competências linguísticas das crianças).

Idealmente, a tarefa deveria ser relativamente livre, para que façam um mapa de toda a escola (é raro as instalações de água e de saneamento não serem incluídas nesses mapas). Deste modo, os facilitadores podem construir uma imagem sobre se a exclusão relacionada com a água/saneamento está ligada a outras questões de

exclusão, ou a outros locais pouco seguros/pouco acolhedores na escola, o que deve permitir uma abordagem mais holística para se encontrarem soluções.

As actividades de mapeamento podem também ser combinadas com elementos do currículo, por exemplo, podem ser levadas a cabo como parte de uma classe de geografia ou de arte, o que permite que o professor se envolva no processo e ajuda as escolas a não sentir tanto que as actividades as estão a distrair de satisfazer os prazos frequentemente estritos dos currículos.



*Estudantes a fazer um mapa da escola, escola primária, Zâmbia*

### **Desenhos e fotografia**

Há uma história relativamente longa, no trabalho de desenvolvimento, de usar actividades de desenho para ajudar as crianças a contar aos adultos coisas sobre que podem não se sentir capazes de falar, ou conseguir que comecem a discutir tópicos específicos. Os desenhos podem ser particularmente úteis para ajudar as crianças a falar sobre atitudes e comportamento que podem achar perturbadores ou exclusivos, tais como intimidação ou abuso. A fotografia pode conseguir o mesmo. Com as crianças que são fotógrafas inexperientes, a fotografia pode ser mais eficaz para as ajudar a falar sobre locais e espaços que são fáceis de capturar em filme, do que o comportamento e as atitudes. No entanto, muitas vezes, a conversa pode ter início em relação à fotografia de um local, o que depois leva a discussões sobre comportamentos e atitudes que têm lugar nesse lugar ou perto dele.

As crianças podem sentir-se tranquilizadas ao discutir assuntos difíceis através de uma fotografia – podem, se quiserem, distanciar-se da história da fotografia ao mesmo tempo que continuam a transmitir o significado da imagem. Por exemplo, sentem-se livres de dizer “este é o tipo de lugar onde as crianças podem ser intimidadas” em vez de ter que dizer “é aqui que me intimidam”.

Como no caso do mapeamento, pode pedir-se às crianças que tirem fotografias de locais seguros ou pouco seguros, acolhedores ou não. Podem trabalhar em grupos e negociar umas com as outras onde tirar as fotografias. Este tempo de discussão pode ajudá-las a reflectir sobre as experiências antes de tirarem fotografias. As actividades podem uma vez mais ser projectadas de modo a serem introduzidas nos currículos. Podem ensinar às crianças competências importantes tais como trabalho em equipa, negociação, narrativa, etc.

As fotografias podem ser apresentadas de diversos modos. Pedimos

frequentemente às crianças que façam cartazes em grupo, que podem ser decorados tão artisticamente quanto desejem, e podem conter legendas escritas para as fotografias. Uma vez mais, esta actividade pode ser introduzida no currículo, e ensinar às crianças competências para apresentarem a informação de modo claro e sucinto.



*Cartaz de fotografias criado pelos alunos de uma escola primária no Uganda. O cartaz foi decorado com objectos tácteis e também tem legendas em Braille para o estudante cego do grupo.*

Pode não ser possível usar fotografias em todas as comunidades. Mas com o trabalho apoiado por um facilitador/organização externa, é cada vez mais exequível. Para todo um projecto de investigação de acção em cinco escolas na Zâmbia gastámos um total de menos de £200 em máquinas fotográficas digitais económicas, uma impressora de fotografias portátil, tinta, papel para fotografias e materiais de desenho. Mesmo as cidades pequenas hoje em dia têm frequentemente instalações de processamento de fotografias ou, cada vez mais, lojas onde se podem imprimir fotografias digitais de máquinas fotográficas ou de telemóveis.



*Fotografia participativa, escolas primárias, Zâmbia*

## **Teatro**

O teatro e as representações oferecem outro modo excelente de ajudar as crianças a representar os problemas na escola, sem terem necessariamente que dizer directamente “Acho isto” ou “isto acontece-me”. Nas experiências da EENET, as crianças usaram muitas vezes teatro para mostrar situações relacionadas com a preparação ou distribuição da comida, e a recolha de água, assim como o mau tratamento por parte de professores ou intimidação pelos colegas.

## Principais pontos a tomar em consideração

- **Os funcionários da escola sentem-se frequentemente ameaçados** quando pessoas de fora começam a fazer perguntas sobre a escola. É portanto vital que estejam de acordo com as actividades planeadas, e que reconheçam que é um processo para fazer melhorias, e não um meio de julgar o êxito da escola, o que se pode conseguir partilhando exemplos de outras escolas que usaram com êxito a investigação de acção ou fotografia participativa. Tentamos sempre experimentar as actividades com os professores antes de o fazer com as crianças, para que os professores saibam o que é que se está a pedir aos alunos, e possam ver a relevância das tarefas e oferecer sugestões para melhorar as actividades no âmbito do contexto específico. Ajudar os professores a pensar como poderiam usar estas ou actividades semelhantes no âmbito do currículo também pode ajudar a que apoiem mais o processo.
- As crianças podem ter vontade de falar sobre casas de banho e questões de saneamento, mas os **professores podem tentar impedi-las de discutir estes assuntos proibidos**. Esta é outra razão por que trabalhamos com os professores para os ajudar a compreender a importância de falar sobre estas questões, e garantir que não monitorizam/controlam constantemente o que as crianças dizem, desenham ou fotografam.
- É vital **tomar cuidadosamente em consideração os métodos de comunicação**. Os que têm dificuldade em usar as casas de banho ou instalações de água podem também ser os que acham mais difícil comunicar – talvez porque sofrem de uma insuficiência ou porque são raparigas que tradicionalmente não devem exprimir as suas opiniões, etc. Portanto planeamos actividades para que as crianças com diversas capacidades linguísticas, motoras, visuais e auditivas possam aderir. Por exemplo, podemos usar o mapeamento táctil com os estudantes cegos, ou um sistema de amigos com as crianças que têm dificuldades de aprendizagem, ou podemos usar investigadoras ou estudantes raparigas para ajudar a facilitar as discussões com as raparigas jovens. É essencial para o êxito do projecto levar tempo a criar confiança e estabelecer relações.
- **Encontrar outros pontos de partida** também pode ser importante, especialmente se os participantes tiverem relutância em partilhar ideias, ou talvez dêem uma tal variedade de respostas que não podemos distinguir qual é o problema com maior prioridade. Por exemplo, verificar os registos de frequência à escola pode na realidade dizer-nos que há um problema com a organização da água e do saneamento que está a ter impacto sobre a educação. Talvez pareça que certas crianças nunca vão à escola quando há uma época de seca (por isso vale a pena investigar se têm dificuldade em ter acesso à água em casa); ou talvez pareça que as raparigas de uma certa idade faltam regularmente à escola uma semana todos os meses (por isso vale a pena investigar a privacidade das casas de banho ou mesmo o nível de educação que as raparigas receberam sobre como lidar com a menstruação).

## Conclusão

Este documento proporciona apenas uma breve visão geral dos modos como a água e o saneamento nas escolas e nas comunidades podem ter impacto sobre a educação das crianças. Muito poucas destas questões podem ou devem ser identificadas somente por pessoas de fora ou mesmo por adultos no âmbito da escola/comunidade. As experiências das crianças em relação aos problemas de água e de saneamento podem variar de escola para escola, dependendo de diversos outros factores tais como se os professores são compreensivos ou quantos outros problemas enfrentam. Portanto, em todas as situações, não se pode realçar suficientemente a importância de se conseguirem as opiniões das crianças. Na verdade, as crianças são frequentemente a fonte de algumas das soluções mais inovadoras para os problemas das escolas porque vêm e aguentam mais a escola do que qualquer outra pessoa.

## Leitura adicional

Há uma enorme quantidade de literatura sobre educação inclusiva, investigação de acção, fotografia participativa, etc. No entanto, a seguinte selecção pequena da EENET pode ser um ponto de partida útil. EENET pode proporcionar outras sugestões para leitura se solicitado.

Atlas Alliance (2008) '**Young Voices: Young people's views of inclusive education**'. Livro e DVD disponível em EENET. Ver também: [www.eenet.org.uk/downloads/Young%20Voices.pdf](http://www.eenet.org.uk/downloads/Young%20Voices.pdf)

EENET (2005) '**Learning from Difference: An action research guide for capturing the experience of developing inclusive education**', CD- ROM interactivo disponível em EENET, ou documento de directivas básicas disponível em: [www.eenet.org.uk/key\\_issues/action/Learning%20from%20Difference%20Guidelines.pdf](http://www.eenet.org.uk/key_issues/action/Learning%20from%20Difference%20Guidelines.pdf)

Kaplan, I, Lewis, I and Mumba, P (2005) '**Students Perspectives on Health and Safety in Schools: Using photography to address issues of health and safety in Indonesian, UK and Zambian schools**', EENET. Disponível em: [www.eenet.org.uk/images\\_section/health\\_safety\\_schools.pdf](http://www.eenet.org.uk/images_section/health_safety_schools.pdf)

Lewis, I (2004) '**Using Images to Explore and Promote Inclusion: Experiences from Mpika Schools**', EENET. Disponível em: [www.eenet.org.uk/key\\_issues/action/report\\_zambia\\_yes.pdf](http://www.eenet.org.uk/key_issues/action/report_zambia_yes.pdf)

Lewis, I and Kaplan, I (2005) '**Inclusive Classrooms: The use of images in active learning and action research**', EENET. Disponível em: [www.eenet.org.uk/key\\_issues/action/mpika\\_report.pdf](http://www.eenet.org.uk/key_issues/action/mpika_report.pdf)

Diversos outros documentos estão disponíveis em 'Images' [www.eenet.org.uk/images\\_section/images.shtml](http://www.eenet.org.uk/images_section/images.shtml) e secções de 'Action research' [www.eenet.org.uk/key\\_issues/action/action.shtml](http://www.eenet.org.uk/key_issues/action/action.shtml) no website de EENET.

Nota: O website de EENET vai ser novamente desenhado durante 2009, por isso todos os URLs podem mudar.